



revista cristã
última chamada



JESUS

NÃO É O
PAI DO
COMUNISMO

O NOVO TESTAMENTO NÃO DEFENDE
O COMUNISMO

CÉSAR FRANCISCO RAYMUNDO

O FIM DOS TEMPOS

COMO VOCÊ NUNCA OUVIU FALAR!

Nunca mais
seja enganado
sobre o Fim
dos Tempos!

- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo



ACESSE AGORA:

**WWW.
REVISTACRISTA
.ORG**

Conteúdo bíblico, relevante e transformador

Jesus não é o Pai do Comunismo

O Novo Testamento não
Defende o Comunismo

César Francisco Raymundo



revista cristã
última chamada

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

Jesus não é o Pai do Comunismo

*O Novo Testamento não
Defende o Comunismo*

Autor: César Francisco Raymundo

Capa: César Francisco Raymundo
(Imagem criada por IA)

Revista Cristã Última Chamada publicada
com a devida autorização e com todos os
direitos reservados no Escritório de Direitos
Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de
Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.
É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor
César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br
Site: www.revistacrista.org

Porto Belo – Santa Catarina

Agosto de 2026

Índice

Sobre o autor	07
Introdução	
— O que o Novo Testamento realmente ensina sobre riqueza, propriedade e pobres?	08
Capítulo 1	
— Dar esmolas significa defender o comunismo?	12
Capítulo 2	
— “Não podeis servir a Deus e às riquezas”	18
Capítulo 3	
— O jovem rico: Jesus mandou todos venderem tudo?	21
Capítulo 4	
— “Ninguém considerava exclusivamente sua nenhuma das coisas que possuía”	24
Capítulo 5	
— A Igreja cuidava dos necessitados	28
Capítulo 6	
— Paulo fala em igualdade: isso é socialismo?	32
Capítulo 7	
— O rico e Lázaro e o Bom Samaritano	34
Capítulo 8	
— O Novo Testamento reconhece a propriedade?	37
Capítulo 9	
— Trabalho, sustento próprio e responsabilidade	40
Capítulo 10	
— Tiago: riqueza, pobreza e exploração	44
Conclusão	
— Jesus ensinou generosidade, não uma teoria econômica. A Igreja Supera o Estado em ajudar os pobres	47
Obras importantes para pesquisa...	50

Sobre o Autor



César Francisco Raymundo nasceu em 02/05/1976, em Londrina, Paraná. De origem católica, encontrou-se com Cristo aos 13 anos e, na década de 1990, tornou-se membro da Igreja Presbiteriana do Brasil. Com mais de trinta anos de estudo autodidata em teologia e filosofia, César se aprofundou em diversas vertentes teológicas, incluindo Historicismo, Preterismo Parcial, Pós-milenismo, Preterismo Completo, Idealismo, Dispensacionalismo e Pré-milenismo, sempre analisando as fontes originais de cada uma delas.

Ele propôs a teoria da Escatologia Concreta, visando a busca de um consenso na profecia bíblica com todas as correntes escatológicas unidas. Também propôs o Conceito de História Interrompida que pode ser encontrado em seu e-book intitulado "História Interrompida: O Freio do Mal e a Melhora do Mundo".

César é amplamente reconhecido como mestre em seu campo, sendo um pensador crítico e profundo, comprometido em formar novas gerações de estudiosos e pensadores da fé cristã. Ele escreveu o primeiro Comentário Preterista sobre o Apocalipse, além de ser autor do primeiro Dicionário de Escatologia do Preterismo e da primeira Bíblia de Estudo Preterista Parcial do Brasil.

Atualmente tem se dedicado à produção de material teológico, como livros, folhetos e revistas, com o objetivo de divulgar a Boa Nova da Salvação em Cristo e apresentar uma visão alternativa e equilibrada sobre a escatologia, desafiando a visão tradicionalmente pessimista das igrejas.

- Introdução -

O que o Novo Testamento realmente ensina sobre riqueza, propriedade e pobres?

O Novo Testamento fala muito sobre dinheiro, riqueza, pobreza e generosidade. Jesus não trata a riqueza como o maior objetivo da vida e condena claramente a avareza. Também ensina seus seguidores a ajudarem os necessitados. Mas uma questão precisa ser respondida: *ensinar generosidade e desapego das riquezas significa defender o comunismo ou a abolição da propriedade privada?*

Muitos líderes religiosos, padres e pastores ensinam que o Senhor Jesus Cristo seria, de alguma forma, o “Pai do Comunismo”. Para fundamentar essa afirmação, recorrem a diversos textos do Novo Testamento, especialmente às passagens que tratam da partilha de bens, da pobreza e do cuidado com os necessitados.

Entretanto, neste e-book, demonstrarei que essa conclusão não passa de uma interpretação equivocada das Escrituras. Uma análise cuidadosa do Novo Testamento — e, sobretudo, dos ensinamentos de Jesus Cristo — não fornece fundamento para condenar a propriedade privada, defender a adoção de um sistema comunista ou socialista, nem atribuir ao Estado o papel de “salvador dos pobres”.

Ao contrário, veremos que os ensinamentos de Cristo precisam ser compreendidos dentro de seu contexto espiritual, moral e social, sem serem transformados em uma defesa de ideologias políticas modernas.

Os textos a seguir ajudam a estabelecer a base para responder à seguinte pergunta: *Jesus Cristo é, de fato, o “Pai do Comunismo”?*

Mateus 5:42
— Generosidade —

O Senhor Jesus diz:

“Dá a quem te pede e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes”.

Jesus ensina uma atitude de generosidade e disposição para ajudar. O texto não apresenta um sistema econômico nem determina que todos os bens devam ser coletivizados. O princípio é: quem tem condições de ajudar não deve fechar o coração ao necessitado. Não há em vista um Estado poderoso exercendo a função ajudar os pobres.

Mateus 6:19–21
— Onde está o seu tesouro? —

“Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra... Onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração”.

O problema não é simplesmente possuir bens, mas colocar neles o coração e a segurança. Jesus chama seus discípulos a valorizarem as coisas eternas acima das riquezas. Ele declara que “não podeis servir a Deus e às riquezas”. O dinheiro pode ser um recurso, mas não pode ser o senhor da vida. Jesus condena a escravidão às riquezas, e não apresenta aqui uma ordem para eliminar a propriedade.

Em acréscimo a isso, em Lucas 12:13–21 temos o rico insensato. Quando alguém pede a Jesus que intervenha numa disputa de herança, Ele responde:

“Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza”.

Em uma das parábolas de Jesus, o homem rico acumula cada vez mais, pensando apenas em si. O problema não é simplesmente possuir bens, mas viver para acumulá-los e esquecer-se de Deus. Jesus termina mostrando que aquele homem era rico materialmente, mas não era “rico para com Deus”. Toda pessoa nessa situação serve a dois senhores. Jesus disse em Lucas 16:13 que “não podeis servir a Deus e às riquezas”. Mais uma vez, o foco está no “senhorio”. O dinheiro não deve ocupar o lugar de Deus.

Quando o dinheiro ocupa o lugar de Deus, temos o “amor” ao dinheiro. O apóstolo Paulo afirma:

“A piedade com contentamento é grande fonte de lucro.

Os que querem ficar ricos caem em tentação...

O amor do dinheiro é raiz de toda espécie de males”.

- 1ª Timóteo 6:6–10

Observe que Paulo não diz que “o dinheiro” é a raiz de todos os males, mas o “amor ao dinheiro”. Mesmo porque Paulo não estaria em contradição com Eclesiastes 10:19:

“O festim faz-se para rir, o vinho alegra a vida, e o dinheiro atende a tudo”.

Todos os textos citados acima estabelecem uma base simples:

O Novo Testamento condena a avareza, o materialismo e a escravidão às riquezas, mas ensina generosidade, contentamento e cuidado com o necessário.

Isso, porém, é diferente de ensinar que toda propriedade deve ser abolida ou que os bens de todos devem obrigatoriamente pertencer a uma comunidade. A Bíblia mostra que é possível ter posses e, ao mesmo tempo, estar em dia ajudando aqueles que mais necessitam:

“Ora, aquele que possuir recursos deste mundo, e vir a seu irmão padecer necessidade, e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus?”

- 1ª João 3:17

Portanto, ao analisarmos os próximos textos — especialmente o jovem rico, Zaqueu e a Igreja de Atos que “tinha tudo em comum” — precisamos perguntar: Jesus está estabelecendo uma regra econômica obrigatória ou ensinando princípios de fé, generosidade, desapego e amor ao próximo?

É essa distinção que orientará este e-book.

— Capítulo 1 —

Dar esmolas significa defender o comunismo?

Uma das acusações mais comuns contra o cristianismo é a ideia de que os ensinamentos de Jesus sobre ajudar os pobres, repartir bens e dar esmolas seriam uma forma de defender o comunismo. Mas será que essa conclusão realmente corresponde ao que encontramos nos Evangelhos e no livro de Atos?

Para responder, é necessário distinguir duas coisas: a caridade voluntária ensinada por Jesus e um sistema político e econômico baseado na coletivização obrigatória dos bens. Em Mateus 6:1–4, Jesus ensina seus discípulos a praticarem suas obras de justiça sem buscar reconhecimento público. Ao falar especificamente da esmola, ele não apresenta o Estado, uma autoridade política ou uma estrutura econômica coletiva como responsável pela distribuição dos bens. O foco está na atitude pessoal daquele que dá e na intenção do seu coração.

Jesus diz, em essência, que a esmola deve ser dada sem ostentação e sem transformar a ajuda ao necessitado em instrumento de prestígio pessoal (Mateus 6:1–4). Isso é importante porque a caridade cristã não é apresentada como uma tomada compulsória dos bens de uma pessoa para entregá-los a outra. Trata-se de uma prática voluntária, moral e espiritual.

Em Mateus 5:42, Jesus também afirma:

“Dá a quem te pedir.”

Mais uma vez, encontramos uma orientação dirigida ao indivíduo. Jesus está ensinando seus seguidores a serem generosos e misericordiosos. O mandamento não estabelece um sistema econômico no qual todos os bens particulares deixam de pertencer aos seus donos. Jesus ensinou a generosidade, não a propriedade coletiva obrigatória

Em Lucas 11:41, Jesus afirma:

“Dai antes esmola do que tiverdes”.

A ideia é novamente a de desprendimento e generosidade. O dinheiro e os bens materiais não devem dominar o coração humano.

Em Lucas 12:33–34, Jesus aprofunda esse ensinamento:

“Vendei o que tendes, e dai esmola”.

E logo acrescenta:

“Porque, onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração”.

O objetivo de Jesus não é apresentar um programa econômico ou político. Seu objetivo é tratar do coração humano. Ele combate a avareza, o apego excessivo às riquezas e a falsa segurança depositada nos bens materiais. Isso fica ainda mais claro quando observamos que Jesus não diz que todos devem ser obrigados por uma autoridade a entregar seus bens. Ele chama seus seguidores à generosidade e ao sacrifício voluntário.

Portanto, dizer que “Jesus defendia o comunismo porque ensinava a dar esmolas” é confundir caridade com ideologia econômica.

O exemplo de Atos

Algumas pessoas podem responder:

“Mas os primeiros cristãos colocavam seus bens em comum”.

De fato, o livro de Atos descreve momentos de intensa solidariedade entre os cristãos. Porém, é preciso observar cuidadosamente o que o texto realmente diz. Em Atos 3:1–10, Pedro e João encontram um homem que não podia andar e que pedia esmolas junto à porta do templo. Pedro não lhe oferece um programa econômico nem promete eliminar a pobreza por meio de uma estrutura política. Em vez disso, ele declara:

“Não tenho prata nem ouro; mas o que tenho isso te dou”.

E então, em nome de Jesus Cristo, o homem é curado. O episódio mostra que a preocupação cristã com o necessitado não se limita ao dinheiro. O cristianismo também apresenta compaixão, serviço e transformação da pessoa. Em Atos 9:36–43 encontramos outro exemplo. Tabita, também chamada Dorcas, é descrita como uma discípula que fazia muitas boas obras e dava esmolas. Quando ela morre, as viúvas mostram as roupas que ela havia feito para elas. Esse detalhe é significativo. Tabita não aparece como uma agente de um sistema político. Ela é apresentada como uma mulher que voluntariamente praticava boas obras e ajudava pessoas necessitadas. O texto não diz que ela confiscava propriedades, nem que existia uma autoridade obrigando-a a entregar seus bens. Sua generosidade era uma expressão pessoal de sua fé.

Cornélio e a esmola

Atos 10 também apresenta Cornélio, um homem descrito como piedoso e temente a Deus.

Sobre ele, o texto afirma:

“As tuas orações e as tuas esmolas têm subido para memória diante de Deus”.

- Atos 10:4

Mais uma vez, a esmola aparece como uma virtude praticada por uma pessoa. Cornélio não é elogiado por defender uma teoria econômica. Ele é apresentado como alguém que temia a Deus, orava e ajudava os necessitados.

Isso nos permite perceber um padrão nos textos analisados:

Mateus 5:42 — generosidade para com quem pede.

Mateus 6:1–4 — esmola praticada sem ostentação.

Lucas 11:41 — desprendimento e generosidade.

Lucas 12:33–34 — abandono da avariza e prioridade das coisas espirituais.

Atos 3:1–10 — cuidado com o necessitado.

Atos 9:36–43 — Tabita praticando boas obras e dando esmolas.

Atos 10:1–8 — Cornélio dando esmolas e buscando a Deus.

Em nenhum desses textos encontramos Jesus dizendo que um governo deve abolir a propriedade privada ou estabelecer uma economia comunista.

Caridade não é comunismo

É possível encontrar pontos de contato superficiais entre determinados ideais de igualdade social e alguns ensinamentos

cristãos sobre generosidade. Ambos podem falar sobre pobres, riqueza e desigualdade. Mas isso não significa que sejam a mesma coisa. O cristianismo pode condenar a avareza sem condenar automaticamente a propriedade privada. Pode ordenar generosidade sem defender confisco. Pode incentivar os ricos a ajudarem os pobres sem estabelecer uma economia baseada na propriedade coletiva obrigatória. A diferença fundamental está na natureza da ação.

Quando Jesus manda alguém dar esmola, ele está chamando aquela pessoa à responsabilidade moral e espiritual. A questão é: “O que você fará com aquilo que possui?”

A resposta cristã é: seja generoso, ajude o necessitado, não ame o dinheiro acima de Deus e não faça da riqueza o seu tesouro.

Isso é muito diferente de afirmar que uma autoridade política deve retirar obrigatoriamente os bens de determinados indivíduos para redistribuí-los.

O problema da interpretação fora do contexto

Portanto, afirmar simplesmente que “Jesus era comunista porque mandou dar esmolas” é uma conclusão que não leva em consideração o contexto dos textos. Jesus ensinou amor ao próximo, misericórdia, generosidade e desapego das riquezas. Esses ensinamentos podem confrontar profundamente uma sociedade dominada pela ganância e pela indiferença aos pobres. Mas isso não transforma automaticamente Jesus em defensor de uma ideologia política moderna. O cristão pode, portanto, defender a obrigação moral de ajudar o pobre sem concluir que Jesus ensinou a abolição da propriedade privada ou a implantação de um sistema comunista.

A esmola cristã começa no coração e na vontade daquele que dá.

O comunismo, enquanto sistema político e econômico, é outra questão.

Jesus ensinou: “Dai esmola.”

Isso não é o mesmo que ensinar:

“O Estado deve tomar os bens de uns e distribuí-los a outros.”

Confundir essas duas afirmações é transformar um ensinamento espiritual sobre generosidade em uma afirmação política que os textos citados não fazem.

Conclusão desde Capítulo

O fato de a Igreja de Atos, em Jerusalém, ter colocado seus bens em comum estava relacionado às circunstâncias excepcionais daquela geração e à expectativa do juízo que viria sobre Jerusalém. A cidade seria destruída no ano 70 d.C. Isso também ajuda a explicar por que esse modelo não aparece como uma regra para todas as igrejas. Pelo contrário, outras comunidades cristãs precisaram enviar ajuda aos irmãos necessitados da Judeia, como vemos em outros textos do Novo Testamento.

— Capítulo 2 —

“Não podeis servir a Deus e às riquezas”

A Bíblia apresenta o dinheiro não como um fim em si mesmo, mas como algo que deve estar subordinado a Deus e ao amor ao próximo. Em Mateus 6:19–34, Jesus ensina a não acumular tesouros na terra e orienta seus discípulos a colocarem sua confiança em Deus. O ponto central desse ensinamento aparece de maneira direta em Mateus 6:24: “Ninguém pode servir a dois senhores”. Não é possível servir simultaneamente a Deus e às riquezas como se ambos ocupassem o mesmo lugar em nossa vida. Esse ensinamento também aparece em Lucas 16:9–13, quando Jesus fala sobre o uso das riquezas e conclui: “Nenhum servo pode servir a dois senhores”. E, novamente, afirma: “Não podeis servir a Deus e às riquezas” (Lucas 16:13). Portanto, a questão bíblica não é simplesmente possuir recursos financeiros, mas permitir que o dinheiro se transforme em senhor da vida. O dinheiro deve ser um instrumento, e não o objeto da nossa devoção.

O Senhor Jesus também alerta, em Lucas 12:13–21, contra a ganância por meio da parábola do homem rico que acumulou seus bens e decidiu construir celeiros maiores para guardar tudo o que possuía. Ele pensava em desfrutar de suas riquezas por muitos anos, mas Deus lhe disse: “Louco, esta noite te pedirão a tua alma”. A parábola mostra que a abundância material não garante segurança, sentido ou eternidade. Por isso, Jesus termina ensinando sobre aquele “que ajunta tesouros para si mesmo e não é rico para com Deus”.

Paulo reforça esse princípio em 1ª Timóteo 6:6–10, ensinando que “a piedade com contentamento é grande fonte de lucro” e advertindo que “o amor ao dinheiro é a raiz de toda espécie de males”. O problema, portanto, não está simplesmente no dinheiro, mas no amor desordenado por ele, na avareza e na confiança depositada nas riquezas.

Ao mesmo tempo, os ensinamentos de Jesus apontam para a responsabilidade pessoal de quem possui recursos. Quando uma pessoa ajuda alguém que está passando necessidade, ela pode fazê-lo voluntariamente, por compaixão e amor ao próximo. A esmola, nesse sentido bíblico, é uma ação daquele que possui alguma condição de compartilhar aquilo que tem com quem necessita. Quem dá é a pessoa, individualmente, e não o Estado. Isso é importante porque a responsabilidade moral de ajudar o necessitado nasce da consciência e da liberdade de cada indivíduo. Uma pessoa que possui um pouco mais de condições financeiras pode decidir repartir parte do que possui com alguém que está em situação mais difícil. A generosidade cristã não é apresentada como uma maneira de acumular méritos ou como uma obrigação de enriquecer o Estado, mas como uma expressão concreta de amor, misericórdia e responsabilidade pessoal.

Assim, quando alguém tem um pouco mais e voluntariamente oferece uma esmola a quem tem menos, ocorre uma transferência direta de recursos de uma pessoa para outra. Quem tem condições dá; quem necessita recebe. O valor dessa atitude está justamente na disposição pessoal de compartilhar. Não se trata de exaltar a riqueza, mas de reconhecer que aqueles que possuem mais recursos também têm a oportunidade — e a responsabilidade moral — de praticar a generosidade. Isso não significa que toda pessoa com dinheiro seja má, nem que toda pessoa pobre seja boa. A Bíblia não condena simplesmente a posse de bens; ela condena colocar as riquezas no lugar de Deus. O texto de Mateus 6:24 estabelece o princípio: o ser humano deve escolher a quem servirá. Se o dinheiro ocupa o

primeiro lugar, ele se torna um senhor. Se os recursos são colocados a serviço de Deus e do próximo, tornam-se instrumentos para o bem.

Portanto, o ensinamento bíblico conduz a uma conclusão clara: o dinheiro não deve governar o coração, e quem possui mais recursos pode usá-los para ajudar quem possui menos. A verdadeira riqueza, segundo Jesus, não está em acumular cada vez mais para si, mas em ser “rico para com Deus” (Lucas 12:21). A generosidade pessoal é uma das formas pelas quais essa riqueza espiritual pode se manifestar na prática.

A questão fundamental, então, não é simplesmente quanto uma pessoa possui, mas o que ela faz com aquilo que possui e a quem ela permite que suas riquezas sirvam. Quem serve a Deus não precisa ser escravo do dinheiro. Pode possuir bens sem ser possuído por eles; pode ter mais condições financeiras sem desprezar quem tem menos; e pode transformar parte daquilo que possui em ajuda concreta ao próximo.

Em última análise, o Senhor Jesus não chama seus seguidores a colocarem sua esperança nas riquezas, mas em Deus. E, ao mesmo tempo, chama cada pessoa à responsabilidade de agir com misericórdia. Aquele que tem um pouco mais pode repartir com aquele que tem menos. Essa decisão, quando nasce da liberdade, da compaixão e do amor ao próximo, expressa na prática o princípio bíblico de não servir às riquezas, mas colocá-las a serviço de um propósito maior.

— Capítulo 3 —

O jovem rico: Jesus mandou todos venderem tudo?

Em Mateus 19:16–30, Marcos 10:17–31 e Lucas 18:18–30, encontramos o relato de um jovem rico que se aproxima de Jesus perguntando o que deveria fazer para herdar a vida eterna. Ele afirma que guardava os mandamentos desde a juventude.

Então Jesus, olhando para ele com amor, diz:

“Vai, vende tudo o que tens, dá aos pobres, e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me”.

- Marcos 10:21

O jovem, porém, fica triste e vai embora, porque possuía muitos bens. Diante disso, surge a pergunta: Jesus estava mandando todos venderem tudo o que tinham?

O contexto mostra que Jesus estava tratando especificamente com aquele jovem. O problema não era simplesmente possuir riquezas, mas o apego que ele tinha a elas. Jesus revelou que, naquele momento, seus bens ocupavam um lugar maior do que sua disposição de seguir a Cristo.

A questão principal, portanto, não é apenas “preciso vender tudo?”, mas “existe algo que eu não estou disposto a entregar a Jesus?”

A Bíblia não apresenta uma ordem geral para que todos os cristãos vendam absolutamente tudo o que possuem. Porém, Jesus deixa um alerta sério: as riquezas não podem se tornar o nosso senhor, nossa segurança ou aquilo que ocupa o primeiro lugar em nosso coração.

O chamado feito ao jovem era: “vem e segue-me.” Jesus queria que ele colocasse sua confiança em Deus acima de seus bens.

Por isso, a grande lição desse episódio é que seguir Jesus exige entrega. O problema não está simplesmente no que possuímos, mas quando aquilo que possuímos passa a nos possuir.

No fim, a pergunta permanece para cada um de nós: Jesus realmente ocupa o primeiro lugar na minha vida?

Não entra aqui a ideia de um Estado autoritário, de orientação comunista-socialista, que deveria tomar para si as riquezas conquistadas por um jovem rico. A questão central é justamente o contrário: reconhecer o direito à propriedade, ao fruto do trabalho e à liberdade individual, em vez de defender que o Estado tenha o poder de confiscar aquilo que foi legitimamente conquistado.

Zaqueu: conversão, restituição e generosidade

Para finalizar este capítulo, o encontro de Jesus com Zaqueu, em Lucas 19:1–10, ajuda a compreender ainda melhor essa questão. Zaqueu também era um homem rico, mas sua história termina de maneira muito diferente da do jovem rico.

Quando Jesus entra em sua casa, Zaqueu demonstra uma verdadeira transformação:

“Senhor, resolvo dar aos pobres a metade dos meus bens; e, se em alguma coisa tenho defraudado alguém, restituo quatro vezes mais”.

- Lucas 19:8

Zaqueu não recebeu de Jesus uma ordem para vender tudo. Sua resposta foi fruto de uma conversão verdadeira. Ele decidiu repartir seus bens com os pobres e corrigir as injustiças que havia cometido. Houve restituição e generosidade.

Isso mostra uma diferença importante entre os dois relatos. O jovem rico encontrou Jesus, mas não conseguiu abrir mão daquilo que ocupava seu coração. Zaqueu, por outro lado, encontrou Jesus e permitiu que esse encontro transformasse sua relação com o dinheiro e com as pessoas.

Portanto, o ensino de Jesus não é simplesmente uma regra sobre possuir ou não possuir bens. A questão é o lugar que as riquezas ocupam em nosso coração. A verdadeira conversão produz mudanças práticas: generosidade, justiça, arrependimento e disposição para reparar o mal cometido.

Zaqueu nos mostra que, quando Cristo transforma o coração, nossas atitudes também começam a mudar. O dinheiro deixa de ser um senhor e passa a ser um recurso que pode ser usado para abençoar outras pessoas.

— Capítulo 4 —

“Ninguém considerava exclusivamente sua nenhuma das coisas que possuía”

O livro de Atos apresenta uma característica marcante da primeira comunidade cristã: os seguidores de Jesus desenvolveram uma profunda disposição para compartilhar aquilo que possuíam. O texto de Atos 4:32 afirma que ninguém considerava seus bens como algo exclusivamente seu. Havia entre eles um forte senso de comunidade, de modo que os recursos eram colocados à disposição dos irmãos conforme suas necessidades.

A passagem de Atos 4:34–35 mostra que alguns cristãos vendiam propriedades e entregavam o valor aos apóstolos, para que os recursos fossem distribuídos entre os necessitados. O exemplo de Barnabé aparece logo em seguida. Ele possuía um campo, vendeu a propriedade e entregou o dinheiro aos apóstolos (Atos 4:36–37).

Mas existe um elemento importante que não deve ser ignorado: o contexto da iminente destruição de Jerusalém. Como vimos em capítulo anterior, Jesus havia anunciado o juízo que viria sobre Jerusalém. Ele alertou seus discípulos sobre acontecimentos que culminariam na destruição da cidade e do templo. Portanto, os primeiros cristãos não viviam em um período de estabilidade e segurança. Eles acreditavam que estavam diante de acontecimentos decisivos na história de Israel. Isso ajuda a compreender por que alguns estavam dispostos a se desfazer de propriedades e colocar seus recursos em comum.

Se uma pessoa acreditava que a ordem existente estava prestes a sofrer um grande julgamento, o apego às propriedades e às riquezas de Jerusalém naturalmente perderia parte de sua importância. Vender bens e utilizar os recursos para ajudar os irmãos podia ser, nesse contexto, uma demonstração de fé, desprendimento e preparação para o que estava por vir. Isso não significa que todos venderam tudo, nem que a venda de propriedades fosse uma obrigação imposta aos cristãos. O próprio episódio de Ananias e Safira deixa isso evidente.

Ananias e Safira

Em Atos 5:1–11, Ananias e Safira venderam uma propriedade, mas decidiram entregar somente parte do dinheiro enquanto procuravam fazer parecer que haviam entregado o valor integral.

Pedro então pergunta a Ananias:

“Conservando-o, porventura, não seria teu? E, vendido, não estaria em teu poder?”

— Atos 5:4

Essa declaração é fundamental para compreender o episódio. Pedro reconhece que a propriedade estava sob o poder de Ananias. Portanto, o problema não era possuir o imóvel. Também não era necessariamente entregar apenas uma parte do dinheiro. O problema estava na mentira e na tentativa de enganar a comunidade e a Deus. Isso demonstra que a comunidade cristã compartilhava seus recursos, mas não encontramos aqui uma ordem para abolir a propriedade privada.

O contexto da destruição de Jerusalém

É importante, portanto, evitar uma leitura anacrônica.

Quando olhamos para Atos com os olhos de sistemas políticos e econômicos modernos, podemos facilmente enxergar apenas a ideia de “propriedade coletiva”. Porém, os primeiros cristãos estavam vivendo dentro de um contexto muito específico. Eles haviam ouvido as palavras de Jesus sobre o futuro de Jerusalém. A destruição da cidade não era uma preocupação distante para eles. Era uma realidade que esperavam e para a qual deveriam estar preparados.

Nesse cenário, acumular propriedades em Jerusalém poderia ter um significado muito diferente daquele que teria em uma sociedade considerada estável. O foco da comunidade estava mudando: o valor dos bens materiais diminuía diante do valor da comunidade e daquilo que eles acreditavam que Deus estava prestes a realizar.

Por isso, o compartilhamento descrito em Atos pode ser compreendido não apenas como uma expressão de solidariedade, mas também dentro do contexto da expectativa escatológica dos primeiros cristãos.

Em Atos dos Apóstolos Jesus poderia ser considerado o Pai do Comunismo?

É verdade que existem algumas semelhanças superficiais entre o compartilhamento de bens descrito em Atos e determinadas ideias de igualdade econômica. Entretanto, chamar Jesus ou a primeira comunidade cristã de “comunistas” no sentido moderno exige ignorar diferenças fundamentais. O modelo apresentado em Atos não nasce de um programa político. Não existe ali um Estado confiscando propriedades ou determinando por lei que todos deveriam entregar seus bens.

O compartilhamento nasce da fé, da comunhão, do amor aos irmãos e, considerando o contexto apresentado anteriormente, também da consciência de que Jerusalém caminhava para o juízo anunciado por Jesus.

A questão, portanto, não é simplesmente perguntar:

“Os primeiros cristãos compartilhavam seus bens?”

Sim, compartilhavam.

Mas precisamos perguntar também:

“Por que eles faziam isso?”

Eles faziam isso porque entendiam que seus irmãos não deveriam passar necessidade, porque estavam vivendo uma profunda comunhão de fé e porque seus valores haviam mudado diante daquilo que acreditavam que Deus estava prestes a fazer.

O livro de Atos dos Apóstolos não apresenta um manifesto político. Apresenta uma comunidade que aprendeu a colocar as pessoas acima das posses. E, diante do anúncio da destruição de Jerusalém, muitos daqueles primeiros cristãos estavam aprendendo também uma importante lição: não fazia sentido colocar toda a esperança em bens terrenos quando a cidade e o sistema ao seu redor estavam prestes a sofrer uma transformação radical.

— Capítulo 5 —

A Igreja cuidava dos necessitados

Se no capítulo anterior vimos que os primeiros cristãos compartilhavam seus bens, agora precisamos observar para que esses recursos eram utilizados. A resposta aparece repetidamente no Novo Testamento: para cuidar das pessoas que estavam passando necessidade. Em Atos 6:1–6, surge um problema concreto dentro da igreja. As viúvas estavam sendo esquecidas na distribuição diária. Os apóstolos, então, organizam a comunidade para que essa necessidade fosse atendida de maneira justa. Isso mostra algo importante: a igreja não ignorava os pobres. Pelo contrário, o cuidado com os necessitados fazia parte da própria vida cristã.

Uma responsabilidade da comunidade

Esse princípio aparece diversas vezes.

Quando uma grande fome atingiu diferentes regiões, os discípulos decidiram enviar ajuda aos irmãos que viviam na Judeia (Atos 11:27–30). Paulo também orientou as igrejas a separarem recursos para auxiliar os necessitados. Em 1ª Coríntios 16:1–4, ele organiza uma coleta entre os cristãos. Em Romanos 15:25–27, fala novamente sobre levar uma contribuição aos pobres entre os santos de Jerusalém. Não se tratava de uma simples recomendação ocasional. Era uma prática constante da comunidade cristã. Paulo também registra em Gálatas 2:10 uma orientação que recebeu dos líderes da igreja:

“Somente recomendaram que nos lembrássemos dos pobres”.

E ele acrescenta que isso era algo que já procurava fazer. Em Gálatas 6:9–10, a orientação é ainda mais ampla: os cristãos deveriam perseverar na prática do bem e fazer o bem a todos, especialmente aos que pertenciam à família da fé.

Hebreus 13:16 resume o princípio:

“Não vos esqueçais da prática do bem e da mútua cooperação”.

A fé precisa produzir ações

Tiago apresenta uma crítica ainda mais direta contra uma fé que apenas fala, mas não age. Em Tiago 2:14–17, ele pergunta qual seria o benefício de alguém encontrar um irmão ou uma irmã necessitado e simplesmente desejar que essa pessoa fique bem, sem oferecer aquilo de que ela necessita.

Para Tiago, uma fé que não produz misericórdia e ação concreta é uma fé morta.

O mesmo princípio aparece em 1ª João 3:16–18. O cristão não deve demonstrar amor apenas com palavras, mas também por meio de atitudes concretas.

Portanto, ajudar o necessitado não era um detalhe secundário da mensagem cristã. Era uma consequência prática do amor.

E qual era o papel do Estado?

Aqui encontramos uma distinção importante para o argumento deste e-book. O Novo Testamento apresenta repetidamente a igreja e

os próprios cristãos como responsáveis por cuidar dos necessitados. As passagens citadas não apresentam o Estado como o agente responsável por sustentar os pobres da comunidade cristã. Isso não significa necessariamente que o Estado esteja proibido de ajudar os necessitados, nem que toda política pública de assistência seja contrária ao cristianismo. A questão é outra: não devemos transformar em função do Estado aquilo que o Novo Testamento coloca como responsabilidade moral da comunidade cristã.

Quando Paulo organiza coletas, ele não está criando um imposto estatal. Quando a igreja de Jerusalém distribui alimentos, não está funcionando como um governo. Quando os cristãos vendem propriedades para ajudar os necessitados, não estão obedecendo a uma lei de confisco. São pessoas e comunidades tomando voluntariamente a decisão de cuidar umas das outras.

O pobre não deveria ser invisível

A mensagem cristã não diz para ignorar o pobre. Muito pelo contrário. Jesus e seus seguidores colocaram a misericórdia, a generosidade e o cuidado com o próximo no centro da vida prática.

A diferença está em quem assume essa responsabilidade.

O modelo apresentado nas comunidades cristãs do Novo Testamento é baseado na solidariedade, na generosidade e na responsabilidade pessoal. O cristão não deveria esperar que outra pessoa resolvesse o problema enquanto permanecia indiferente.

Tiago 1:27 chega a definir uma das expressões da verdadeira religião como cuidar dos necessitados. Assim, quando encontramos no Novo Testamento a igreja ajudando viúvas, arrecadando recursos, socorrendo comunidades atingidas pela fome e lembrando constantemente dos pobres, não estamos diante de um projeto de

governo. Estamos diante de uma comunidade de fé assumindo voluntariamente a responsabilidade de amar e cuidar do próximo. Esse ponto é essencial para compreender a diferença entre o ensino de Jesus sobre generosidade e a criação de um sistema político baseado na redistribuição obrigatória de riquezas.

Na igreja cristã, o cuidado com o pobre deveria começar no coração, transformar-se em atitude e alcançar o necessitado, sem a interferência do Estado.

— Capítulo 6 —

Paulo fala em igualdade: isso é socialismo?

A linguagem de igualdade, partilha e cuidado com os necessitados aparece com bastante força nos ensinamentos do apóstolo Paulo. Por isso, algumas pessoas tentam apresentar Paulo como uma espécie de defensor do socialismo ou até mesmo como um precursor do comunismo. Entretanto, essa interpretação precisa ser analisada com cuidado. Paulo realmente ensinava os cristãos a ajudarem os pobres, a compartilharem seus recursos e a não serem dominados pelo amor ao dinheiro. Mas isso não significa que ele estivesse propondo um sistema político ou econômico semelhante ao socialismo ou ao comunismo moderno.

Em Segunda Carta aos Coríntios, capítulos 8 e 9, Paulo fala extensamente sobre uma coleta destinada aos cristãos que estavam passando por necessidades. Ele elogia a disposição dos cristãos da Macedônia em contribuir e incentiva os coríntios a fazerem o mesmo. O princípio apresentado por Paulo é o da generosidade voluntária. Quem possui mais recursos deve estar disposto a ajudar quem está passando necessidade.

Em Segunda Carta aos Coríntios 8:12–14, Paulo apresenta a ideia de equilíbrio: a abundância de alguns poderia suprir a necessidade de outros. Seu objetivo era que não houvesse irmãos abandonados à própria sorte enquanto outros possuíam condições de ajudá-los. Porém, isso não significa que Paulo estivesse defendendo a

eliminação da propriedade privada ou a tomada obrigatória dos bens de uns para entregar a outros.

O contexto é importante. Paulo não apresenta um programa de governo, uma legislação econômica ou um sistema de distribuição compulsória de riqueza. Ele está orientando comunidades cristãs a praticarem a generosidade. A contribuição deveria nascer da disposição do coração e da responsabilidade de cada pessoa.

Essa diferença é fundamental. Solidariedade não é necessariamente socialismo. Generosidade não é comunismo. Cuidado com os pobres não significa abolir a propriedade privada.

O próprio Paulo deixa isso ainda mais claro quando fala sobre o trabalho na Segunda Carta aos Tessalonicenses.

— Capítulo 7 —

O rico e Lázaro e o Bom Samaritano

Em Lucas 16:19–31, na parábola do rico e de Lázaro, Jesus não ensina que a riqueza, por si só, condena uma pessoa, nem que a pobreza, por si só, garante a salvação. O texto não apresenta uma fórmula segundo a qual “rico vai para o inferno” e “pobre vai para o céu”. Se fosse assim, a condição econômica seria o critério do juízo de Deus. Mas esse não é o argumento de Jesus.

O rico é apresentado como alguém que vivia no luxo enquanto Lázaro estava à sua porta, sofrendo e necessitado. O problema não estava simplesmente no fato de ele possuir bens, mas na maneira como utilizava sua riqueza e, principalmente, na sua indiferença diante do sofrimento que estava literalmente diante de seus olhos. Ele tinha recursos, mas não demonstrava misericórdia. A parábola, portanto, confronta um coração endurecido, que desfruta de seus privilégios sem se importar com o próximo.

Da mesma forma, Lázaro não é apresentado como alguém que conquistou a salvação simplesmente por ser pobre. A Bíblia não ensina que a pobreza produz automaticamente virtude espiritual. Há pobres que agem com injustiça e ricos que demonstram grande generosidade. O valor de uma pessoa diante de Deus não é determinado pelo tamanho de sua conta bancária, mas por sua relação com Deus e pela condição de seu coração.

Isso fica ainda mais claro quando observamos o ensino de Jesus sobre o próximo em Lucas 10:25–37, na parábola do bom samaritano. Um homem havia sido assaltado, espancado e abandonado à beira da estrada. Pessoas religiosas passaram por ele sem prestar socorro, mas um samaritano, movido de compaixão, parou para ajudá-lo.

O detalhe importante é que o samaritano não espera que o Estado, uma instituição religiosa ou uma autoridade política resolva o problema. Ele assume pessoalmente a responsabilidade de ajudar. Aproxima-se do homem ferido, trata suas feridas, coloca-o sobre seu próprio animal, leva-o a uma hospedaria e paga pelas despesas necessárias (Lucas 10:33–35).

Jesus poderia ter usado essa história para ensinar uma obrigação de redistribuição compulsória dos bens, mas não foi isso que fez. O foco está na misericórdia e na responsabilidade pessoal. O samaritano vê uma necessidade concreta e decide agir. Ele não pergunta primeiro quanto o homem possui, qual é sua posição social ou quem deveria pagar por seu tratamento. Ele simplesmente demonstra amor ao próximo.

Esse princípio é importante porque a Bíblia reconhece tanto a propriedade quanto a responsabilidade de usar os recursos de maneira justa e generosa. Ter riqueza não é apresentado como um pecado automático. O pecado está em transformar a riqueza em objeto de idolatria, em viver de maneira egoísta ou em fechar os olhos diante daqueles que precisam de ajuda.

Por isso, utilizar a parábola do rico e de Lázaro como uma condenação geral da riqueza é interpretar o texto de maneira inadequada. Da mesma forma, utilizar o bom samaritano como uma defesa direta do socialismo também ultrapassa aquilo que Jesus está ensinando. Jesus está ensinando seus discípulos a amar, socorrer e ter

compaixão do necessitado. Ele não está apresentando um programa econômico ou um sistema político.

A diferença é fundamental. O cristianismo não diz que uma pessoa deve ser generosa porque o Estado tomou seus bens e os distribuiu. Ele chama o indivíduo a transformar seu próprio coração e a praticar voluntariamente a misericórdia. O bom samaritano ajuda porque escolhe ajudar. Ele utiliza aquilo que possui para beneficiar alguém que está sofrendo.

Assim, tanto Lucas 16 quanto Lucas 10 apontam para uma verdade que não depende de ideologias políticas: Deus se importa com a maneira como tratamos o próximo. A riqueza traz responsabilidades, e o cristão não pode usar seus bens como desculpa para ignorar o sofrimento alheio. Mas isso é muito diferente de afirmar que Jesus ensinou o socialismo.

O ensinamento de Cristo é mais profundo: não basta discutir quem possui os bens; é necessário perguntar que tipo de coração possui os bens. Uma pessoa pode ter pouco e ser egoísta, assim como pode ter muito e ser generosa. O verdadeiro desafio de Jesus é levar o ser humano a exercer misericórdia, justiça e amor ao próximo diante de Deus.

— Capítulo 8 —

O Novo Testamento reconhece a propriedade?

Sim. Embora o Novo Testamento não apresente um tratado sobre economia, seus ensinamentos pressupõem claramente que as pessoas podem possuir bens, administrar recursos e decidir o que fazer com aquilo que lhes pertence. O problema não é a existência da propriedade, mas o uso moral que fazemos dela. Em Mateus 20:1–16, na parábola dos trabalhadores da vinha, Jesus apresenta um proprietário que contrata trabalhadores e decide livremente quanto pagar a cada um. Quando questionado, ele responde: “Não me é lícito fazer o que quero do que é meu?” O objetivo principal da parábola é ensinar sobre a graça de Deus, mas a história utiliza como algo normal a existência de um proprietário que administra aquilo que possui.

Em Mateus 25:14–30, na parábola dos talentos, um senhor entrega seus bens aos servos para que os administrem. Cada um recebe uma quantidade diferente e depois presta contas. Jesus utiliza a realidade da propriedade e da administração de recursos para ensinar sobre responsabilidade e fidelidade. O mesmo ocorre em Lucas 19:11–27, na parábola das minas. Um homem entrega recursos aos seus servos e espera que eles os administrem. A questão moral não é eliminar as diferenças entre os recursos recebidos, mas saber o que cada um faz com aquilo que lhe foi confiado.

Lucas 16:1–13, na parábola do administrador infiel, também pressupõe relações econômicas, dívidas, propriedades e administração de recursos. Jesus não aprova a desonestidade do administrador, mas usa sua história para ensinar prudência e fidelidade na utilização dos bens.

Talvez o texto mais explícito esteja em Atos 5:1–4. Ananias e Safira vendem uma propriedade e entregam apenas parte do dinheiro, fingindo ter entregado tudo. Pedro deixa claro que eles tinham liberdade sobre a propriedade: “Conservando-o, porventura, não seria teu? E, vendido, não estaria em teu poder?” O problema não foi guardar parte do dinheiro, mas mentir. Essa passagem é fundamental porque mostra que a generosidade da igreja primitiva não significava necessariamente a abolição da propriedade. A venda da propriedade e a entrega dos recursos eram atos voluntários. O cristianismo ensinava generosidade, não uma obrigação de entregar todos os bens.

Efésios 4:28 reforça esse princípio: “Aquele que furtava não furtar mais; antes trabalhe, fazendo com as próprias mãos o que é bom, para que tenha com que acudir ao necessitado”. Paulo relaciona trabalho, produção e generosidade. O cristão deve trabalhar honestamente e, tendo recursos, estar disposto a ajudar quem precisa.

Em 1ª Tessalonicenses 4:11–12, Paulo aconselha os cristãos a cuidar dos próprios negócios e trabalhar com as próprias mãos, “para que andeis dignamente para com os de fora e não necessiteis de coisa alguma.” Já em 1ª Timóteo 5:8, estabelece a responsabilidade de sustentar a própria família. Isso não significa que o Novo Testamento aprove qualquer forma de enriquecimento. A Bíblia condena a cobiça, a avareza, a fraude e a exploração. Jesus adverte contra transformar os bens materiais em um ídolo.

A questão, portanto, não é simplesmente “propriedade ou ausência de propriedade?”, mas “como o cristão deve utilizar aquilo que possui?” O Novo Testamento reconhece bens pessoais e, ao mesmo

tempo, exige justiça, responsabilidade e generosidade. Isso também ajuda a compreender Atos 2 e 4. Os primeiros cristãos compartilhavam seus recursos e socorriam os necessitados, mas esse compartilhamento não deve ser confundido automaticamente com a abolição da propriedade privada. Atos 5 demonstra que os cristãos podiam possuir propriedades e decidir voluntariamente vendê-las e contribuir.

Assim, o Novo Testamento não apresenta a propriedade como um mal em si mesma. Ele transforma a propriedade em uma responsabilidade. Quem possui deve administrar bem; quem prospera deve ser generoso; quem trabalha deve fazê-lo honestamente; e quem tem recursos deve estar disposto a socorrer o necessitado.

O cristianismo não precisa abolir a propriedade para combater a ganância. Ele procura transformar o coração daquele que possui, ensinando-o a usar seus bens com justiça, responsabilidade e amor ao próximo.

— Capítulo 9 —

Trabalho, sustento próprio e responsabilidade

O trabalho, o sustento próprio e a responsabilidade pessoal ocupam lugar importante no ensino do Novo Testamento. A vida cristã não é uma vida de ociosidade ou dependência voluntária. Deus chama o homem a trabalhar, sustentar sua casa, administrar seus recursos e, quando possível, ajudar os necessitados. Paulo é exemplo disso. Em Atos 18:1–3, trabalhou fazendo tendas. Em Atos 20:33–35, lembra que suas próprias mãos supriram suas necessidades e as daqueles que estavam com ele. Em vez de explorar sua posição apostólica, trabalhou e, quando necessário, abriu mão de direitos legítimos para não ser pesado aos irmãos.

O texto de Efésios 4:28 apresenta o mesmo princípio: aquele que antes roubava deveria trabalhar honestamente, não apenas para abandonar o erro, mas também para ter recursos e repartir com quem tivesse necessidade.

O dever de trabalhar

Em 1ª Tessalonicenses 4:11–12, Paulo ordena aos cristãos que trabalhem com as próprias mãos, para viverem dignamente e não dependerem desnecessariamente de ninguém. Em 2ª Tessalonicenses 3:6–12, ele confronta aqueles que se recusavam a trabalhar e determina que trabalhem tranquilamente e comam o seu próprio pão. Então afirma:

“Se alguém não quer trabalhar, também não coma”.

— 2ª Tessalonicenses 3:10

O texto trata da recusa voluntária ao trabalho, não daqueles que são incapazes de trabalhar. A incapacidade requer misericórdia; a recusa deliberada em assumir responsabilidades é outra coisa.

A responsabilidade pela família

Em 1ª Timóteo 5:8, Paulo afirma que aquele que não provê para os seus, especialmente para os de sua própria casa, negou a fé. A provisão familiar, portanto, não deve ser automaticamente transferida ao Estado. O indivíduo deve trabalhar e a família deve cuidar dos seus. A responsabilidade cristã começa dentro da própria casa.

A igreja e os necessitados

A Bíblia não ignora os pobres. Pelo contrário, ordena que sejam tratados com misericórdia e generosidade. Entretanto, a responsabilidade de cuidar dos necessitados é apresentada à comunidade dos crentes. A igreja deve socorrer aqueles que realmente estão em necessidade. Os cristãos devem repartir seus recursos e exercer misericórdia. O pobre precisa de ajuda; disso não se segue que o Estado seja o responsável por ajudá-lo. A igreja não deve simplesmente olhar para o necessitado e dizer: “o governo que resolva”. O mandamento bíblico é dirigido ao povo de Deus.

A função do Estado

Romanos 13 apresenta a autoridade civil como instrumento de Deus para preservar a ordem, punir o mal e exercer justiça. O Estado recebe a espada para governar e proteger, não para tornar-se o

provedor universal da população. Nessa perspectiva, o Estado não recebeu como função sustentar os pobres, redistribuir indefinidamente riquezas ou substituir a família e a igreja na prática da misericórdia.

Portanto, a existência da pobreza não transforma automaticamente o governo em responsável por solucioná-la. A justiça civil e a misericórdia cristã são responsabilidades distintas.

O falso assistencialismo

O falso assistencialismo transforma uma necessidade real em dependência permanente. Em vez de estimular o trabalho, pode estimular a dependência; em vez de fortalecer a família, pode substituí-la; em vez de mobilizar a igreja, transfere sua responsabilidade ao governo.

A Bíblia, porém, une misericórdia e responsabilidade. Paulo não ensina simplesmente a sustentar quem se recusa a trabalhar; ele ordena que essa pessoa volte ao trabalho. A misericórdia não elimina a responsabilidade.

A crítica ao socialismo

É nesse ponto que o socialismo deve ser criticado. Ao atribuir ao Estado uma função ampla de redistribuição econômica e provisão material, desloca-se para o governo uma responsabilidade que, segundo a perspectiva deste capítulo, pertence ao indivíduo, à família e à igreja. O problema não é apenas econômico, mas também moral e institucional. Quando o Estado se torna provedor, pode enfraquecer a responsabilidade individual, a família e a própria prática de misericórdia da igreja.

A solução bíblica para a pobreza não é uma sociedade em que todos dependam do governo, mas uma sociedade em que pessoas responsáveis trabalham, famílias cuidam umas das outras e a igreja exerce generosamente sua missão.

O princípio pode ser resumido assim:

Trabalhe, quando puder. Sustente sua família. Não viva deliberadamente na ociosidade. Ajude o necessitado. A igreja cuide dos pobres. E o Estado cumpra sua função de justiça e segurança.

O texto de Romanos 13 não apresenta o governo como responsável por sustentar os pobres, mas como autoridade para exercer justiça e conter o mal. Por isso, a resposta cristã à pobreza não deve ser a indiferença nem o assistencialismo estatal, mas trabalho, responsabilidade, generosidade e misericórdia cristã. A pobreza deve ser uma oportunidade para que o povo de Deus pratique aquilo que a Escritura ordena: trabalhar honestamente, sustentar os seus e repartir com os necessitados.

— Capítulo 10 —

Tiago: riqueza, pobreza e exploração

A carta de Tiago apresenta uma forte advertência contra o uso injusto da riqueza. O problema, porém, não é simplesmente possuir bens, mas a maneira como eles são adquiridos, administrados e utilizados. Tiago condena a parcialidade, a indiferença diante do necessitado, a fraude e a exploração dos trabalhadores. A riqueza, quando colocada acima de Deus e do próximo, transforma-se em instrumento de injustiça.

Não fazer acepção de pessoas

Em Tiago 2:1–9, a igreja é confrontada por tratar de maneira diferente o rico e o pobre. O rico recebe um lugar de honra, enquanto o pobre é desprezado. O pecado não está em possuir riqueza, mas em julgar o valor de uma pessoa pela sua condição econômica. A igreja não pode determinar o valor das pessoas pelo dinheiro que possuem. Rico e pobre possuem a mesma dignidade diante de Deus.

Por isso, Tiago lembra a “lei régia”:

“Amarás o teu próximo como a ti mesmo”.

O cristão não deve desprezar o pobre, mas também não deve idolatrar o rico.

Fé que produz obras

Em Tiago 2:14–17, o apóstolo mostra que a fé verdadeira produz ações concretas. Se um irmão estiver necessitado de alimento ou roupa e receber apenas palavras de conforto, sem qualquer ajuda prática, de que isso serve?

A fé que não produz obras é morta.

Tiago não apresenta aqui uma estrutura política de redistribuição, mas chama os cristãos e a comunidade da fé à prática da misericórdia. A igreja deve enxergar a necessidade e agir.

O perigo da riqueza

Tiago 5:1–6 apresenta uma das advertências mais severas do Novo Testamento contra ricos que utilizam sua posição para explorar trabalhadores. O alvo não é simplesmente a posse de riquezas. Tiago denuncia aqueles que acumulam enquanto retêm salários, vivem em luxo e prejudicam aqueles que trabalham para eles.

O princípio é claro: riqueza não dá ao homem licença para explorar o próximo.

Quem possui uma empresa, emprega trabalhadores ou administra recursos deve lembrar que responderá diante de Deus pela maneira como trata aqueles que estão sob sua autoridade.

O trabalhador deve receber justamente

Tiago 5:4 condena aquele que retém o salário dos trabalhadores. Quem contrata alguém possui a obrigação de pagar justamente aquilo que foi acordado. O cristão pode ser bem-sucedido economicamente,

mas seu sucesso não pode ser construído sobre fraude, exploração ou injustiça.

Um homem pode possuir grande riqueza e, ainda assim, ser espiritualmente pobre se sua prosperidade foi construída sobre a opressão de outros.

Riqueza não é pecado; injustiça é

A Bíblia não ensina que toda riqueza seja pecaminosa. Homens como Abraão e Jó possuíam grandes riquezas. O problema não é possuir bens, mas ser dominado por eles e utilizá-los de maneira injusta. A riqueza pode sustentar uma família, gerar trabalho, financiar boas obras e socorrer necessitados.

O problema começa quando o dinheiro se transforma em senhor.

Por isso, a pergunta cristã não é apenas:

“Quanto possuo?”

Mas:

“Como adquirir o que possuo e o que estou fazendo com aquilo que Deus colocou em minhas mãos?”

Justiça sem inveja

O ensino de Tiago também impede que a crítica à exploração se transforme em inveja contra quem prosperou. A Bíblia não ordena que toda diferença econômica seja eliminada. Ela exige justiça. O rico não deve ser condenado por ser rico.

— Conclusão —

Jesus ensinou generosidade, não uma teoria econômica. A Igreja Supera o Estado em ajudar os pobres

O Novo Testamento não apresenta uma teoria econômica moderna. Apresenta princípios para transformar a maneira como o homem trabalha, possui, administra e compartilha seus bens. O Senhor Jesus não ensinou uma ideologia econômica nem apresentou o Estado como solução para a pobreza. Ensinou desapego das riquezas, amor ao próximo, honestidade, generosidade, misericórdia e responsabilidade.

O problema da pobreza não é apenas econômico, mas também moral e espiritual. Nenhum sistema consegue transformar o coração humano. Por isso, a solução cristã começa no indivíduo. O homem deve trabalhar, sustentar sua família, agir honestamente, pagar justamente seus trabalhadores, abandonar a exploração e repartir com os necessitados. O rico não é condenado por possuir bens, mas deve compreender que suas riquezas são também uma responsabilidade diante de Deus.

A Igreja e os pobres

A Igreja recebeu de Cristo a missão de anunciar o evangelho, formar discípulos e viver o amor ao próximo. Por isso, não precisa esperar que o Estado resolva a pobreza. Desde os primeiros séculos,

cristãos organizaram formas de cuidado com pobres, viúvas, órfãos, enfermos e abandonados. Mesmo pessoas fora da Igreja foram influenciadas pelos valores cristãos de misericórdia e dignidade humana. A caridade cristã nasce do amor, não simplesmente da coerção. O próximo é digno de cuidado porque foi criado por Deus.

A fé acima dos “ismos”

O cristianismo não precisa importar teorias políticas para completar o evangelho.

O socialismo não é o evangelho.

O comunismo não é o evangelho.

O capitalismo não é o evangelho.

Nenhum outro “ismo” pode ocupar o lugar de Cristo.

O cristão pode discutir economia e questões sociais, mas não deve colocar teorias mundanas no centro da pregação como se fossem mandamentos bíblicos. Nossa autoridade é a Palavra de Deus.

A Bíblia já ensina trabalho, responsabilidade, propriedade, justiça, generosidade e misericórdia.

O desapego combate a avareza.

O amor combate o egoísmo.

O trabalho combate a ociosidade.

A justiça combate a exploração.

A generosidade socorre o necessitado.

Conclusão final

A grande questão não é descobrir qual “ismo” organizará perfeitamente a sociedade, mas levar a sério aquilo que Cristo ensinou. A Igreja não precisa do socialismo para cuidar dos pobres,

nem do comunismo para aprender a repartir. Ela recebeu de Cristo sua missão e seus princípios. A solução cristã começa transformando o coração, formando pessoas responsáveis, fortalecendo famílias e mobilizando a Igreja para a prática da misericórdia.

Por isso, ao tratar de pobreza e economia, o cristão deve permanecer fiel ao evangelho, sem transformar qualquer ideologia política em evangelho.

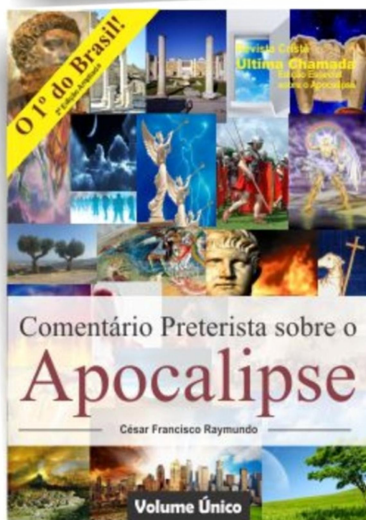
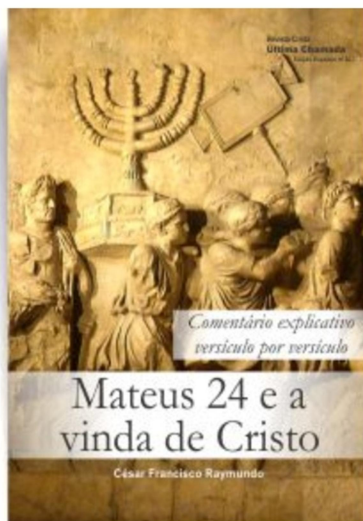
Nossa esperança não está em um sistema econômico perfeito, mas em Cristo.

Só posso concluir este ebook dizendo que Jesus não foi o Pai do comunismo.

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrista.org



Revista Cristã
Última Chamada

O livro mais
Amargo
da Bíblia dá suporte a



**Esperança
Pós-milenista?**

César Francisco Raymundo

KENNETH L. GENTRY JR.

**PÓS-MILENARISMO
PARA LEIGOS**

VOCÊ PODE ENTENDER
A PROFECIA BÍBLICA



**Refutando o
Amilenismo
Dispensacionalismo
Pré-milenismo
Clássico**

Jay Rogers

César Francisco Raymundo

revista cristã
última chamada

**E se Deus
não tivesse nascido
de mulher?**